

PRIMEIRA EXIBIÇÃO MUNDIAL DA CÓPIA DIGITAL RESTAURADA  
– 18 JUL, 21H –

# A COMÉDIA DE DEUS

de João César Monteiro

com Cláudia Teixeira, Max Monteiro, Manuela de Freitas, Raquel Ascensão

Portugal, 1995 – 2h50 | M/ 16

João de Deus, a personagem criada por João César Monteiro em *Recordações da Casa Amarela*, é neste filme o encarregado e sorveteiro do “Paraíso do Gelado”, onde inventou o gelado “Paraíso”, a especialidade da casa que faz as delícias da clientela. Ocupa as suas horas de ócio, quase sempre solitárias, a colecionar pêlos púbicos femininos, num precioso álbum a que chama “Livro dos Pensamentos”, também cheio de palavras e citações.

O filme é dedicado à memória de Serge Daney.



## Festivais e Prémios

- Festival de Veneza 1995 – Selecção Oficial em Competição: Grande Prémio Especial do Júri; Prémio Cinema Avvenire ao Filme; Prémio SNGCI – Sindicato dos Jornalistas de Cinema Italianos à Realização; Prémio Pasinetti ao Filme; Prémio Filmcritica à Realização; Prémio Mionetto à Realização

- Festival de Dunquerque 1995 – Grande Prémio do Júri, Prémio do Júri Jovem Cinema, Prémio da Interpretação Masculina (Max Monteiro/João César Monteiro)

- Cinemateca Real da Bélgica – Prémio l'Âge d'Or 1996

Esta cópia digital restaurada não tem legendas em português nos [poucos] diálogos em francês no filme. Pode lê-las aqui.

### **Cena 20**

Sala de jantar e salão na vivenda de Judite, com jardim e piscina ao fundo. Interior / Exterior. Noite.

01:24:34

### **Cónego Saraiva**

Aí vêm os nossos anjos da guarda.

01:20:42

### **Doutor Pedro Cruel**

Lamento que o nosso Primeiro-Ministro não tenha vindo, mas hoje, ele teve de inaugurar a morgue mais moderna da Europa. Tem uma capacidade de 20000 câmaras frias. Congelação instantânea. Para modernizar a vida, há que modernizar primeiro a morte.

...

01:25:48

### **Judite**

Mon Cher Maître, tem perante si o nosso homem dos gelados, Monsieur João de Deus, Jean de Dieu, que terá o prazer de dizer algumas palavras.

01:26:03

### **João de Deus**

Tenho muito prazer. Esperava outra pessoa.

...

01:31:56

### **Antoine** (com voz glacial)

Meu senhor, o seu gelado é uma merda.

...

01:32:48

### **Judite**

Ele está um pouco enervado por causa do gelado.

O meu irmão, Jacques.

Toquem as matinas, toquem as matinas dim, dam, dum.

## Entrevista com um Vampiro

Pierre Hodgson entrevista João César Monteiro  
para os *Cahiers du Cinéma*

### Excertos

[...]

*E então o personagem? Nasceu quando?*

O meu personagem, João de Deus, nasceu para as *Recordações da Casa Amarela*, em 1989.

*E soubeste imediatamente que eras tu quem devia representá-lo?*

Sabia. E fiquei um pouco surpreendido com a minha realidade "ecrânica". Descobri uma data de coisas, difíceis de contar. Cheguei, no entanto, a pensar, na altura das *Recordações da Casa Amarela*, noutros actores para o papel, por exemplo em Roberto Benigni... E foi o Otar Iosseliani que me aconselhou a ser eu próprio a representar o papel. Foi uma ótima ideia porque não estou a ver mais ninguém que tenha a mesma relação que eu com as coisas, com os objectos. Por exemplo, certas maneiras de olhar. Tenho um olhar insubstituível, que é o meu.

*Tu tens a sensação que, pelo facto de seres actor nos teus filmes, fazes parte uma certa família de cineastas, a de Chaplin, de Keaton, de Welles, de Godard, de Truffaut?*

Gostaria imenso de pertencer a uma família, porque, de momento não tenho nenhuma. De qualquer forma, sempre tive vontade de pertencer a uma família cinematográfica. E bem poderia ser a de pessoas que se filmam a si próprias. Essa família seria mais a de Buster Keaton, Chaplin, Jerry Lewis, Totó... Uma ideia de burlesco. Mas também a de Jean-Marie Straub e de Danièle Huillet e do suíço que é Victor Erice<sup>1</sup>. Não sou humorista, acredito no amor, no sentido dos humores, dos fluidos que habitam o corpo. Acredito também numa certa ironia. Sobretudo, tenho a sensação de pertencer a uma comunidade muito popular, de estar misturado...

*Lisboeta?*

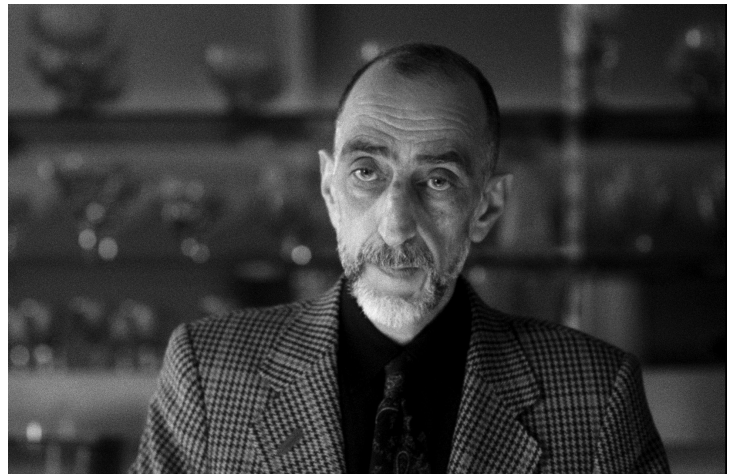
Lisboeta por acaso porque é lá que eu vivo.

*Acreditas então, como Chaplin e Keaton, que filmando-te a ti próprio podes dar esperança às pessoas. É isso?*

Com certeza. Ao filmarmo-nos descobrimo-nos a nós próprios. Funciona como um processo de autognose. Mas há diferenças muito grandes entre o João de Deus das *Recordações da Casa Amarela* e o de *A Comédia de Deus*. Chamo à *Comédia de Deus* a etapa erótica. Eroticamente é um filme muito infantil. A representação das personagens é muito infantil, muito imatura. Aliás, não sei quem dirigiu quem. Sobretudo nas cenas com Joaninha, a filha do talhante, há uma cumplicidade bastante profunda. O que faz com que eu não saiba se foi eu ou se foi ela quem dirigiu as cenas que contracenamos os dois.

*Essa sensação de que a direcção do filme te escapa não será porque tu estás à frente da câmara?*

Sim. E isso é fantástico.



*Consegues explicar em que é que o João de Deus mudou entre as Recordações da Casa Amarela e A Comédia de Deus?*

Nas *Recordações da Casa Amarela* é um farsante. O seu amor pela mulher-polícia é um jogo, uma mentira. Nesse filme João de Deus é uma personagem muito fria. Muito distanciado dos outros. Poderia ter amado Mimi. Talvez a ame. Mas essas coisas passam-lhe ao lado. Até com a mãe dele. É alguém muito centrado sobre si próprio.

Em *A Comédia de Deus* é uma personagem mais séria. Mais grave e mais vulnerável. E mais honesto em relação aos outros. Por isso pode amar. Mas isso irá ver-se no próximo filme. De qualquer forma é já uma personagem mais humana, mais interessante.

[...]

*A Comédia de Deus é também um filme político. É anticlerical, mas é também escandaloso sob ponto de vista dos costumes. Se se estrear a Inglaterra ou nos Estados Unidos, irá provocar um escândalo.*

Como em Lisboa. É um filme que vai dividir. Ainda bem. Desde que não me batam no meio da rua... Posso ser feroz com a pena, mas com os punhos sou um iletrado. Quis fazer um filme político no sentido grego, uma intervenção na vida pública. [...] Judite representa a ordem estabelecida. O filme é um filme contra a ordem estabelecida. É preciso fundar uma nova sociedade. É uma preocupação que diz respeito a toda a gente. Ou nos colocamos ao lado da história, como as personagens de Becket, ou nos empenhamos a fazer qualquer coisa. [...]

*Porque é que o teu filme é dedicado a Serge Daney?*

Conheci-o em Taormina. Vimo-nos todos os dias durante uma semana. Conversámos imenso. Ensinou-me muito. Depois encontrámo-nos em Paris. Quando lhe telefonava dizia-me sempre: "Estou muito ocupado mas para ti tenho uma meia hora", e dava-me três horas do seu tempo. Falávamos de cinema e de outras coisas. Dava-me conselhos. Ele achava que eu era um grande cineasta. Eu dizia-lhe: "Olha que não. O que é que isso quer dizer? O sucesso é para os políticos". Ele achava que eu era masoquista. Eu não detesto fazer filmes, mas isso não me dá nenhuma felicidade particular. Mas se ainda não estou em agonia, estou um pouco como Flaubert que, no seu leito de morte, dizia: "A puta da Bovary, ela vive e eu estou aqui quase a..."

1. Um jogo de palavras, a que JCM era muito dado.  
No original: "et le Suisse. C'est Victor Erice".